

PREMISSAS DA HISTÓRIA DO ESTABELECIMENTO DOS CONTATOS ENTRE O BRASIL E A RÚSSIA

Elena Zhebit¹

Resumo. O Imperador Russo e o eminente reformador da Rússia, Pedro, o Grande, "abriu" a Rússia para a Europa e, principalmente, deu aos russos a oportunidade de conhecer o mundo. Várias expedições foram lançadas para explorar novas terras. Neste contexto, surgiram alguns projetos no início do século XIX, estimulando a penetração russa na América Latina. O interesse geopolítico da coroa russa era bastante ambicioso por estabelecer comércio direto com as colônias sul-americanas a fim de facilitar o "abastecimento" da Kamchatka e da América Russa em cereais, rum e açúcar. Esse objetivo foi atingido com o dinheiro da Companhia Russo-Americana, inclusive com os investimentos dos grandes comerciantes russos – membros da Companhia.

Palavras-chave: história das relações russo-brasileiras; Companhia Russo-Americana; comércio; viagens de circunavegação.

PREMISES OF THE HISTORY OF THE CONTACTS ESTABLISHMENT BETWEEN BRAZIL AND RUSSIA

Abstract. The Russian Emperor and the eminent Russian reformer Peter, the Great, "opened" Russia to Europe and, basically, gave the Russians a chance to know the world. Several expeditions were launched to discover new lands. In this context, various projects of a Latin American exploration appear at the beginning of the XIXth century, favouring Russian penetration into Latin America. The geo-political interest of the Russian Crown was ambitious enough to establish a direct trade with Southern American colonies with the aim of "contributing" to provide Kamchatka peninsula and the Russian America with grain, rum and sugar. This purpose was achieved by the money of the Russian-American Company, as well as through the investments of big Russian merchants, members of the Company.

Key words: history of russian-brazilian relations; Russian-American Company; trade; circumnavigation travels.

¹ Ph.D em História de Relações Internacionais e Política Exterior pelo Instituto da África da Academia das Ciências da URSS, professora-visitante na IFCS da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista da FAPERJ.

INTRODUÇÃO

As mais antigas relações bilaterais da Rússia com um país latino-americano, diversificadas na área comercial e na área de cooperação política e cultural, encontraram sua razão de ser no contexto político e militar do continente europeu, caracterizado então pela queda do império napoleônico, pelos acordos do Congresso de Viena e do Concerto Europeu. O relacionamento bilateral fortaleceu-se devido ao trabalho incessante das chancelarias e dos diplomatas dos dois países e alimentou-se do fluxo migratório e cultural estabelecido entre a Rússia e o Brasil. No entanto, a história das relações russo-brasileiras não foi linear e harmoniosa, tendo havido períodos de descontinuidade e de recuos, que afetaram o clima de compreensão recíproca e de evolução progressiva.

As atuais relações entre o Brasil e a Rússia, grandes líderes regionais, não poderiam ser plenas e exaustivamente entendidas e explicadas sem se tomar em consideração a história do encontro entre o Brasil e a Rússia no século XIX. O exame deste relacionamento bilateral, com base nos documentos de arquivos, referências historiográficas, fenômenos políticos e culturais, poderia, por um lado, demonstrar a importância e a contribuição destas relações para o século da estabilidade internacional (1815 - 1914) e, por outro, servir de impulso para que, através de um melhor conhecimento mútuo, os dois países evoluíssem em direção a uma intensificação das relações de então.

As relações atuais entre os dois países caracterizam-se pelo interesse comum na manutenção da paz mundial e da segurança internacional, pelo dinamismo de contatos comerciais, pelas posições comuns sobre assuntos internacionais e pela cooperação na solução de problemas globais da atualidade. O Brasil é um dos cinco países com os quais a Rússia mantém relações privilegiadas mediante a Alta Comissão Intergovernamental de Cooperação Econômica, Científica e Tecnológica, presidida pelo Vice-Presidente do Brasil e pelo Primeiro-Ministro da Rússia. Os presidentes do Brasil visitaram a Rússia e os altos dirigentes da Rússia retribuíram com visitas oficiais ao Brasil nos anos 90 do século passado e no início da década do século XXI. Em novembro de 2004 foi realizada a primeira visita oficial de um chefe de Estado da Rússia ao Brasil: o Presidente Vladimir Putin visitou Brasília e o Rio de Janeiro entre os dias 21 e 23 de novembro, tendo formalizado uma série de acordos com o Presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva.

PREMISSAS DA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES BILATERAIS E O CONTEXTO INTERNACIONAL

A assinatura do acordo de Tilsit, em 1807, e o envolvimento da Rússia no bloqueio continental contra a Inglaterra prejudicaram muito as finanças e o comércio russos, que sofreram um verdadeiro golpe. Interromperam-se as tradicionais ligações econômicas russo-inglesas, cessou a exportação para a Inglaterra de cereais e de ferro russos e a importação dos produtos tropicais, feita através da Grã-Bretanha. Nestas condições a Rússia tentou entrar em novos mercados, inclusive no continente sul-americano, onde já atuava com certo sucesso a Companhia Russo-Americana.

A América do Sul entrou nos planos da Companhia Russo-americana como ponto estratégico para servir de ponte de comunicação entre a parte européia da Rússia e suas colônias no Pacífico. O Brasil foi considerado fundamental como armazém para os navios que contornavam o Cabo Horn e os navios que iam para o Oceano Pacífico.

A larga e rica colônia de Portugal na América do Sul despertou um grande interesse no Império Russo desde a época de Pedro, o Grande. O eminente reformador russo “abriu” a Rússia para o mundo e, principalmente deu aos russos a oportunidade de conhecer o mundo. Em março de 1710 foi publicado, sob a ordem de Sua Majestade, o primeiro livro na Rússia sobre a geografia do mundo com o seguinte título: “Geografia ou a breve descrição do globo” (YARMOLINSKY, 1943). Várias páginas desse livro foram consagradas à descrição da Flórida, da Nova Espanha, do Brasil, do Chile e do Peru. Essa publicação inicial foi completada alguns anos mais tarde, em 1719, pela tradução para o russo do livro de Johann Hübner, “Kurze Fragen aus der alten und neuen Geographie” (1693), uma obra básica sobre os fatos geográficos e geopolíticos do Novo Mundo. O grande interesse do Imperador russo pela geografia não era só e puramente científico: ele sempre quis saber se a Kamctatka estava ligada por terra ao continente americano. Mas o objetivo mesmo de Pedro, o Grande, como o de todos os czares russos, foi a expansão do Estado russo, no contexto mais moderno, a expansão comercial. Aliás, o comércio com o Novo Mundo era considerado pelos europeus como muito vantajoso. Diversas expedições eram preparadas e viajaram para explorar as novas terras. Neste contexto, surgiram alguns projetos (não de autoria russa) no início do século XVIII, estimulando a intervenção russa na América Latina. Segundo o professor associado da

Universidade de Wisconsin, Bartley H. Russel (RUSSEL, 1978), um comerciante inglês, Rupert Beck, elaborou o projeto que foi apresentado à Corte russa sobre a transformação do Tobago em uma base das atividades comerciais da Rússia nas Américas (BENNIGSEN, 1953, pp.170-171).

Um segundo projeto, mais ambicioso ainda, era de um comerciante alemão, cuja proposta era a Rússia ocupar as terras na América do Sul que estavam sob o controle efetivo da Espanha e de Portugal, ou seja, da Patagônia (Magellannia) através do interior brasileiro até a bacia amazônica e Halta Escócia. A razão era puramente econômica: essas terras possuíam muitos recursos e produtos valiosos como açúcar, tabaco, ouro e prata (MOCVITIANIN, 1851, pp.121-124). Pedro, o Grande, desconsiderou esses projetos, até porque teve outros problemas mais urgentes a resolver nas fronteiras no Nordeste e no Sul do país.

Mais um projeto foi submetido à Corte russa instalar uma colônia russa no território brasileiro, indo de Santa Catarina até o Rio Prata. Nesse preciso momento a Rússia estava envolvida no conflito contra o Império Otomano e a czarina queria evitar qualquer constrangimento com os países da Europa Ocidental, por isso não quis mexer com os interesses dos poderes coloniais na América do Sul. O projeto foi rejeitado, mas o interesse pelo continente americano não parou de crescer. Em meados do século XVIII os iluministas russos discutiram muito a situação política e econômica na América do Sul. Os grandes poetas russos M. Lomonossov (1711-1765) e Sumarokov cantaram em versos as conquistas espanholas no Novo Mundo. Lomonossov ainda sonhava que chegaria o dia quando os "Columbos" russos, superando o frio e o gelo, chegariam a estender o poder russo até o continente americano (SHUR, 1971, p.12; 25-26).

Catarina, a Grande, e mais tarde o filho dela, o Imperador Paulo I, continuaram a política de Pedro, o Grande, mas tentaram se aproximar dos objetivos pela via dos bons relacionamentos com o Império Português. O Tratado de Amizade de 1787 foi renovado em 1798 (dezembro 16/27, 1798 - Tratado de Amizade, Navegação e Comércio renovado entre a Rainha D.Maria I e Paulo I, Imperador da Rússia, assinado em S. Petersburgo e ratificado por parte de Portugal em 19 de abril e pela Rússia em 18 de junho de 1798²).

Um ano mais tarde, em plena guerra entre a França e os participantes da Segunda Coalizão, Rússia e Portugal assinaram outro

² Coll.Borges de Castro, vol. IV, pág. 52

documento de grande importância: o Tratado da Aliança Defensiva, que previa, no caso de ofensiva por parte de um terceiro Estado, a efetivação de ajuda mútua. O documento foi assinado em 18 de julho de 1799, pelo Príncipe Regente D. João, de Portugal, e pelo Imperador Paulo I, da Rússia, em S. Petersburgo, e ratificado pelo primeiro país em 31 de dezembro do dito ano e pelo segundo em 6 de abril de 1800³.

Destarte, o interesse da Rússia pelo continente latino-americano surgiu da realidade socioeconômica do período pós-Pedro o Grande. Basicamente, os interesses econômicos eram ligados ao desenvolvimento inicial do poder marítimo russo e à rápida modernização da Rússia no final do século XVIII - início do século XIX, fatos resultantes da política reformadora de Pedro, o Grande. Nesse período a Rússia exportava para a Grã-Bretanha e outros países europeus vários alimentos, matérias-primas, produtos semiprontos e vários produtos manufaturados; comprava seda, algodão, tintas naturais, açúcar, chá, café. Cerca de 25 a 30% do total da importação "tropical" chegava da América Latina (RUSSEL, 1978, p.23). Açúcar, café, cacau e tintas chegavam inclusive do Brasil. Acontece que no início esses produtos eram transportados por navios britânicos e portugueses para os portos europeus; alguns deles eram parcialmente tratados e só depois enviados para Rússia, o que os encarecia bastante. Por isso, o objetivo da Rússia foi o comércio direto com a América Latina.

O crescimento das exportações coloniais para a Rússia no início do século XIX estava ligado às importantes mudanças do número, da composição e da distribuição territorial da população russa, que no final do séc. XVIII cresceu bastante e atingiu o número de 36 milhões, contra 19 milhões em 1762 (WAISH, 1976, p.134-135). A população urbana também cresceu, principalmente em S. Petersburgo, em função da nova política industrial de Pedro, o Grande; mas era ainda bastante insignificante (2 milhões em 1798, dos 36 milhões da população total; ou seja, a população urbana representava cerca de 4 ou 5 % da população total). A população de Moscou atingiu 270 mil pessoas e a de S. Petersburgo, 335 mil. (Османов, 2000, pp.142-149). O crescimento da população russa, em geral, e da população urbana, particularmente, mexeu com a vida econômica do Império. O surgimento da *petite bourgeoisie* e da *nobreza imperial*, que adquiriram o *modus vivendi* e as demandas européias, transformou o tipo das importações: cresceu a demanda pelos artigos do grupo "não-essencial", provenientes das

³ Coll. Borges de Castro, vol, IV, pág. 112.

colônias ultramarinas. O Príncipe Rumiantsev (o "arquiteto" do desenvolvimento das relações bilaterais entre a Rússia e o Brasil) observou, em 1806, que o "açúcar virou para os russos artigo indispensável de consumo" (RUSSEL, 1978, p.43) O algodão também virou um artigo importantíssimo na vida da sociedade russa.

Durante os anos turbulentos da era napoleônica essas e outras necessidades de consumo influenciaram bastante a política estrangeira, comercial e fiscal da Rússia. O crescimento da população em geral e da urbana particularmente era decisivo para a formação dos interesses da Rússia em acontecimentos no continente sul-americano na véspera e durante as lutas pela independência.

A política do bloqueio continental da Inglaterra prejudicou muito o comércio externo da Rússia e justificou plenamente a vontade da Rússia de estabelecer o comércio direto com as Américas.

O PAPEL DA COMPANHIA RUSSO-AMERICANA NA REALIZAÇÃO DOS INTERESSES DO ESTADO RUSSO NO NOVO MUNDO.

A análise das atividades da Companhia Russo-Americana, criada no início do século XIX, é fundamental para entender melhor a presença da Rússia na América Latina. Fundada em 1799 com o nome de Companhia Russo-Americana, essa empresa comercial, formalmente privada, chegou a representar os interesses do Estado russo no Novo Mundo. A Companhia, apesar de ser uma entidade particular, estava sob o controle rígido do Estado: o artigo 12 do seu documento constitutivo estipulava que o representante oficial do czar deveria informar o monarca sobre todos os planos da Companhia e todo e qualquer negócio comercial por ela realizado ou planejado. Mais tarde o controle foi reforçado ainda mais: enquanto dois membros da Companhia eram eleitos pela própria empresa, o terceiro sempre era nomeado pelo czar. Em dezembro de 1813 o governo criou o Comitê Permanente, órgão administrativo, representante direto do czar; portanto, a empresa comercial independente virou agente direto da coroa (OKUN, 1939). Através da Companhia Russo-Americana o governo czarista imaginava "transformar a bacia do Pacífico do Norte ao mar russo por inteiro" (RUSSEL, 1978, p.59). O objetivo imediato era abrir o mercado chinês para o comércio russo e assim estabelecer as bases para o desenvolvimento futuro do *Far East* russo. Mas o interesse geopolítico da coroa russa era mais ambicioso ainda e ia mais para o sul, com o objetivo de estabelecer comércio direto com as colônias espanholas a fim de facilitar o "abastecimento" da

Kamchatka e da América russa de pão, rum e açúcar. A busca incansável desse objetivo ambicioso era impossível sem uma frota bem-suficiente. Esse objetivo foi atingido com o dinheiro da Companhia (eram os investimentos dos grandes comerciantes russos - membros da Companhia). Em 1802, o Imperador Alexander I autorizou os altos oficiais da frota marítima russa a servir oficialmente na Companhia Russo-Americana (AHI, 1803). A atuação dos navios da Companhia Russo-Americana está muito bem descrita na correspondência de vice-cônsul russo Kilhen, e pode ser encontrada no Arquivo Histórico do Itamaraty (AHI), Rio de Janeiro.

A numerosa e rica documentação especificada no catálogo do AHI refere-se, também, de maneira especial, à história luso-brasileira no período que se prolonga desde a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, até a independência, em 1822, a época das premissas das relações bilaterais entre o Brasil e a Rússia. Destarte, os raros documentos originais dessa época contribuem muito para a reconstituição histórico-diplomática desse importante período⁴.

**CARTAS DO VICE-CÔNSUL RUSSO KILHEN AO VISCONDE DE
INHAMBUPE SOBRE OS INCIDENTES COM OS NAVIOS RUSSOS DA
COMPANHIA RUSSO-AMERICANA**

A maior parte da correspondência proveniente do consulado russo é assinada pelo vice-cônsul russo Kilhen, que substituíra o cônsul geral G. Langsdorf enquanto este se encontrava em excursão científica pelo Brasil. O assunto principal que preocupava o cônsul russo eram os incidentes com os navios russos no porto do Rio de Janeiro.

⁴ O maior interesse para nossa pesquisa foi, na parte Correspondência a Série Relações Exteriores, seção 09. Representações Diplomáticas Estrangeiras no Brasil (Rússia), volumes 289/1/13-4 (1821-1899), Consulado da Rússia, notas recebidas; volume 289/1/21 (1818-1892), Consulado da Rússia, notas expedidas; volume 289/2/1 (1811-1876),

Trata-se das notas recebidas, no período de 1821 a 1899 pelo Ministério das Relações Exteriores e depois pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros do Brasil em proveniência do Consulado da Rússia no Rio de Janeiro. São mais de 300 cartas só no período do serviço do primeiro cônsul geral da Rússia no Brasil Georg von Langsdorf, redigidas por ele próprio ou pelo vice-cônsul Kilhen e dirigidas ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil José Bonifácio. Basicamente, são três os temas principais que foram tratados nessas cartas: a expedição científica de Barão von Langsdorf pelas províncias do Brasil, os assuntos relativos à infração dos direitos dos navios russos no porto do Rio de Janeiro e os relatórios de Langsdorf sobre a tentativa dele de organizar a colônia-modelo dos alemães no Rio de Janeiro, na fazenda Mandioca.

Como exemplo bem típico podemos citar a sua carta sobre o navio "Helena" da Companhia Russo-Americana, redigida em português impecável e dirigida ao Visconde de Inhambupe. Nessa carta, o vice-cônsul russo, demonstrando o conhecimento perfeito do português (todos os demais representantes russos no Brasil só falavam francês), dá a definição da Companhia Russo-Americana e conta da injustiça praticada contra o navio dessa Companhia no porto de Rio de Janeiro, pedindo a reparação dos danos:

...A Companhia Russo-Americana está estabelecida e gira debaixo da Especial e Alta Proteção da Sua Majestade o Imperador de todas as Rússias. Ela, entre outros muitos privilégios, goza do direito de ter os seus navios comandados e tripulados por oficiais e marinheiros da Armada Imperial Russa.. . No decurso destes dez a doze anos têm aqui aportados vários navios desta Companhia, e foram tratados, tanto no Reinado de Sua Majestade Fidelíssima, como no de Sua Majestade Imperial, do modo mais hospitaleiro pelas autoridades desta Capital e do seu porto, poupando-lhes as formalidades e restrições impostas aos navios mercantes, e isto com toda justiça, por eles serem tripulados e armados em guerra e por virem munidos das melhores recomendações da parte dos Ministros e Encarregados de Negócios de Sua Majestade Fidelíssima e de outros Soberanos perto da Corte Imperial de S. Petersburgo... Com grande pesar meu, sou forçado de representar a Vossa Excelência, que bem diferente foi o tratamento e acolhimento que aqui encontrou o mencionado navio Helena, da Companhia Russo-Americana, entrando nesse porto... de volta da sua viagem nas Colônias da Corte N. W. da América do Norte.⁵

De fato, o navio foi submetido pela alfândega a controle bastante exagerado e humilhante (dele foram tiradas as bandeiras russas e colocadas as bandeiras do controle da alfândega) e foi exigido o pagamento da mercadoria com taxas integrais.

Esse tipo de infração não foi raro, apesar da existência do Tratado da Amizade entre o Brasil e a Rússia, que reduzia as taxas. Nesses incidentes podemos perceber com muita clareza "a mão da Grã-Bretanha", sempre vigilante contra qualquer aproximação estrangeira com o Brasil. O cônsul Kilhen, para dar mais peso ao seu comunicado, juntou também a Portaria, assinada por Sr. Luis Antônio de Abreu e Lima,

⁵ 26/3/22, AHI.

fidalgo cavaleiro da base real, tenente-coronel adido ao Estado Maior do Exército do Brasil e Encarregado dos Negócios de Sua Majestade Fidelíssima na Corte Imperial da Rússia, mandando:

a todos os Governadores das Armas e de Praças, Generais, Cabos e oficiais Militares, Ministros e Oficiais de Justiça, guerra ou fazenda; aos Generais da Armada Real, Capitães de Mar e Guerra, e Comandantes de quaisquer embarcações de guerra ou mercantes que não só em atenção aos vínculos de Alfândega e boa harmonia que felizmente existem entre as Duas Coroas, mas a ser o objeto da viagem do dito navio Helena de pública e geral utilidade, ajam de prestar bom acolhimento e todo o auxílio e assistência de que possa carecer para o desempenho da sua comissão, ao dito Sr. Tenente Tchistiakoff.⁶

Destarte, os primeiros contatos dos russos com o Brasil foram realizados através da Companhia Russo-Americana. Foram os dois navios "Nadejda" e "Neva", sob a chefia do capitão Kruzenstern, que chegaram em 19 de dezembro de 1803 ao porto da Nossa Senhora do Desterro - hoje Florianópolis. O objetivo final da viagem era Cabo Horn e o Pacífico. O czar mandava a alta embaixada russa para o Japão. Na rota em direção ao Cabo Horn, viram o Cabo Frio e pararam na ilha de Santa Catarina para fazer manutenção. Foram os primeiros navios russos da história que entraram em águas brasileiras.⁷ O capitão Kruzenstern era oficial da Marinha com grande experiência (fora treinado na Grã-Bretanha e já realizara viagens às Índias e à China). Os dois navios haviam sido comprados em Londres – Nadejda, de 450 toneladas (pago pelo governo russo) e Neva, de 350 toneladas, adquirido com o dinheiro do Príncipe Rumiantsev junto com o da Companhia (KRUZENSTERN, 1813, p. I-XXIX). A organização da expedição de Kruzenstern colocou em evidência os objetivos geopolíticos do czar russo na bacia do Pacífico e serviu de modelo para outras viagens na direção do continente sul-americano para as duas décadas seguintes. Por coincidência ou por destino, nesse navio da primeira circunavegação russa que chegou até os portos brasileiros viajou o futuro primeiro cônsul russo no Rio de Janeiro, Georg von Langsdorf, que, nomeado cônsul russo no Rio de

⁶ S. Petersburgo, em 26/14 de Março de 1824. (26/3/22, AHI).

⁷ Em 10 de novembro de 2002 chegou no porto do Rio de Janeiro o navio-escola russo com o mesmo nome "Nadejda", em viagem comemorativa de 200 anos. Dentro da tripulação do navio se encontravam alguns bisnetos dos primeiros navegadores russos. O navio levou a bordo nove cientistas (ambientalistas) russos cujo objetivo científico era o estudo do nível da poluição das águas da Baía de Guanabara.

Janeiro, realizou uma importante expedição científica ao interior do Brasil, reunindo nela os melhores cientistas do mundo. Foram Langsdorf e Tilesius os primeiros naturalistas da expedição que pisaram como pesquisadores europeus no Brasil do início do século XIX, e o descobriram para a Ciência Natural. Durante a sua estadia em Nossa Senhora do Desterro, Georg von Langsdorf teve a idéia de retornar ao Brasil. Escreveu em seu diário de bordo enquanto viajava em direção ao sul: "e assim tivemos de abandonar o mais rico e belo país do mundo. A lembrança de minha estada no Brasil será inesquecível para o resto de meus dias" (ADELHEID, 1996, p.21).

Em 1806 o Neva, em perfeito estado, chegou mais uma vez a realizar esta longa viagem e atingiu, em 1807, o porto do Kadiak. Depois dessa viagem, os acontecimentos na Europa (guerras napoleônicas) interromperam por seis longos anos as relações ainda muito frágeis entre o Brasil e a Rússia. Mas, como os objetivos já haviam sido bem delineados, os contatos marítimos foram renovados, depois de 1813, com o maior vigor. Durante o reinado do czar Alexander I, 25 navios, sob comando dos oficiais da Marinha do czar, navegaram até o continente americano; treze deles pertenciam à Companhia Russo-Americana; dois chegaram até os portos do Brasil. Vários navios dos comerciantes russos particulares também atingiram portos brasileiros nesse período. Eram eles: Hércules, Volga, Schastlivii, Natalia Petrovna, Velikii Kniaz Aleksandr. "Rurik" saiu em julho de 1815 do Kronshtadt em direção a Kamchatka e Aliaska e chegou a realizar o mesmo itinerário do Nadejda e Neva, chegando a Santa Catarina. "Kutuzov", sob o comando de capitão Hagemester, e "Suvorov", sob o comando do Capitão Ponafidin Z.I., chegaram ao Rio de Janeiro em 1817 (documentos do AHI).

A experiência acumulada na primeira viagem de circunavegação de Kruzenstern "traçou a nova direção da política expansionista russa ultramarina" (RUSSEL, 1978, p. 69). Se no início da expansão o objetivo era a colonização da América russa e o desenvolvimento da frota russa no Oceano Pacífico, depois do sucesso das viagens de Kruzenstern o objetivo se tornou mais ambicioso: conhecer melhor a América do Sul e o seu potencial comercial. Portanto, a intensificação das viagens marítimas no Pacífico via continente sul-americano transformou-se no objetivo prioritário. Só que o governo não chegou a consenso sobre a estratégia da nova política. Assim, a proposta do político, comerciante e navegador Rezanov era primeiro atingir alto nível de desenvolvimento das colônias russas na Sibéria e na América russa, deixá-las produzir bastante até ficarem auto-suficientes, para depois usar o excesso da produção no

desenvolvimento das relações com os países do Pacífico, enquanto Kruzenstern imaginava que a melhor coisa para a fortificação da Companhia Russo-Americana e da frota russa em geral era o comércio direto com o Novo Mundo. Ele sugeria também a militarização da estrutura existente da frota (KRUZENTERN, 1813).

A América do Sul entrou nos planos da Companhia Russo-Americana como ponto estratégico, para servir de ponte de comunicação entre a parte européia da Rússia e suas colônias no Pacífico. O Brasil foi considerado fundamental como armazém para os navios que contornavam o Cabo Horn e os que iam para o Oceano Pacífico.

NOTAS

AHI - Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro

VPR - Vneshniaia politika Rossii XIX i nachala XX veka. Dokumenty Rossiiskogo Ministerrstva inostrannykh del (Russian foreign policy in the nineteenth and early twentieth centuries. Documents from the Russian Ministry of foreign affairs). First series, 1801-1815. 8 vols. Moscow, 1960-1972.

REFERÊNCIAS

ADELHEID, Mason, "Os discursos de Langsdorf na redescoberta do Brasil", Rio de Janeiro, 1996.

BENNIGSEN, Conde Emanuel de. Nota acêrca de alguns projetos de colonização russa na América do Sul durante o século XVIII. Revista da História 4, n.15, julho/setembro 1953.

Colleção Borges de Castro, C.Calvo, Recueil complet des Traités, Conventions, Capitulations, Armistices et autres Actes Diplomatiques de tous les Etats de l'Amérique Latine, compris entre le golfe de Mexique et le cap de Horn, depuis l'année 1493, jusqu'à nos jours, Paris, ^aDurand, 1862.)

Documentos do AHI - consulados - Correspondência recebida - Kelhen sobre o tratamento dos navios russos em Rio de Janeiro (26/3/22, AHI)

KRUZENSTERN, J. Voyage Round the world, in the years 1803,1804,1805 e 1806, em 2 vols. London, 1813.

- MOCVITIANIN. Proekt zavoevaniia Ameriki, poddannyi Petru Velikomu, 1851.
- OKUN, S.B. *Rossisko-Amerikanskaia Kompanhia*, Moscou-Leningrad, 1939.
- ОСМАНОВ, А.И. *История России IX–XX*. Санкт-Петербург, 2000.
- RUSSELL, H.Bartley. *Imperial Russia and the struggle for Latin American Independence ,1808- 1828*. Institute of American Studies, University of Texas at Austin, 1978.
- SHUR, L.A. *Rossia i Latinskaia Amerika*, 1971.
- VPR, I,386, Rumiantzev to Alexander I, 4 March 1803.
- YARMOLINSKY, Avraam. *Russian Americana. Sixteenth to Eighteenth Centuries. A Bibliographical and Historical Study*. New York, 1943.
- WAISH, Warren Bartlett. *Rusia and the Soviet Union*. The University of Mishigan Press, Mayflower, London.